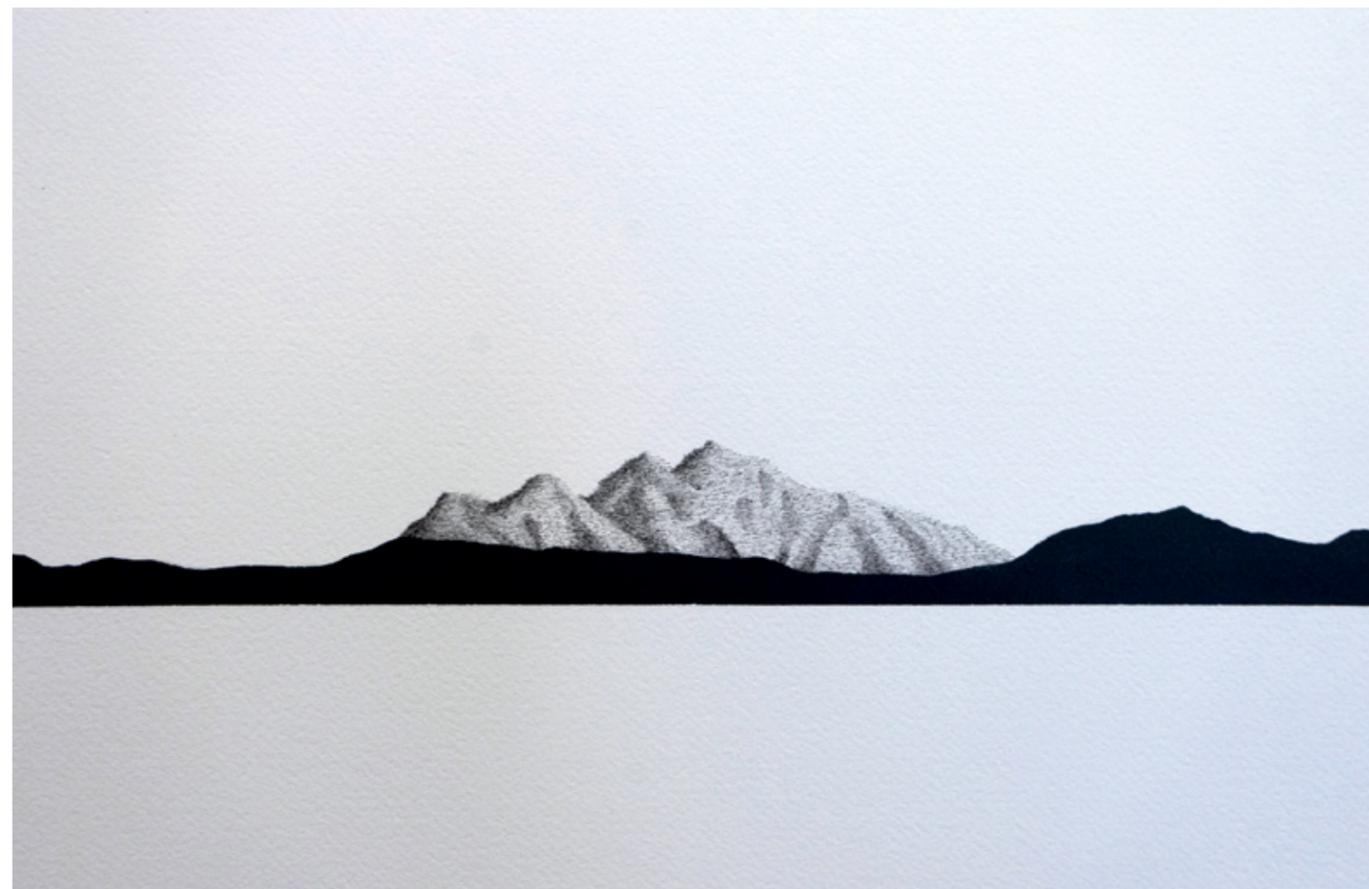


páginas anteriores

Dendrograma/
tree-kit

2015-20, madeira,
tecido, porcelana fria,
tinta vinílica e alumínio,
dimensões variáveis.



Orografias #20-1 A
(pormenor)

2020, aguarela, acrílico
e corte sobre papel,
109x152 cm

Catarina Leitão

As possibilidades de uma paisagem The Possibilities of a Landscape

Esta exposição reforça os mais recentes desenvolvimentos das pesquisas de Catarina Leitão, que podem agora ser lidas considerando que nelas se reflectem não apenas questões formais e poéticas mas também filosóficas e políticas.

O que nessa obra nos é oferecido, a partir de experiências vividas (e trabalhadas) pela artista, são *possibilidades* (no tempo e no espaço) de uma *paisagem*. O *espaço* (o real percurso físico das caminhadas e a extensão do olhar, em frente e em redor dos caminhos) e o *tempo* (real e psicológico) dessas experiências são transformados por Catarina Leitão de modo a caberem no tempo escasso da nossa visita a um qualquer limitado espaço de exposição — como se de simples reduções de paisagem, meras simplificações dos elementos da natureza, invenções práticas de *paisagens portáteis* se tratasse. Mas, de facto, estas obras não reduzem, ampliam, não simplificam, complexificam as nossas ideias de paisagem e abrem assim várias linhas de ruptura relativamente à tradicional experiência de as olhar/viver, de as reproduzir/coleccionar.

Catarina Leitão não nega a natureza do que observa e trabalha, mas *artificializa o natural* por diferentes vias. Estamos sempre a falar de uma *mimésis*, de imitação e duplicação, exercida porém sobre as/através das convenções da linguagem gráfica ou da representação naturalista. Esse duplo processo resulta de experiências pessoais de observação e recolha: passeios e viagens, selecção e recollecção de imagens e de materiais, ou seja, da proximidade e atenção aos objectos (no sentido de temas) que interessam à artista.

Numa *estratégia para-científica*, em vez de usar a tradicional linguagem mimética da pintura figurativa, Catarina Leitão usa as convenções das representações gráficas (mapas, cartas e/ou levantamentos geológicos) para criar falsas e fragmentares imagens orográficas. Numa *estratégia para-tecnológica*, serve-se de materiais (metais ou aglomerados de madeira)

This show comes as an addition to the most recent developments of Catarina Leitão's investigations, which transcend the formal and poetical to address issues within the sphere of the political and philosophical.

Based on her life (and artistic) experience, this work offers *possibilities* (in time and space) of a *landscape*. The artist transforms the *space* (the real physical course of her perambulations, the extension of her gaze) and *time* (real and psychological) of those experiences so that they may fit the limited moment of our visit to an exhibition space — it is as if she's presenting them as reductions of landscape, simplifications of natural elements, practical inventions of *portable landscapes*. Nevertheless, these works do not reduce, but rather expand, they do not simplify, but rather complexify our notions of landscape while opening simultaneous fronts that contradict and shatter our traditional experience of landscape, how we experience and look at them, and how we reproduce and collect them.

Catarina Leitão doesn't deny the nature of the materials she observes and transforms in her work, but she *artificializes* the natural using different strategies. We are always referring to a kind of mimesis, an imitation and duplication, but, in this case, this is achieved through the manipulation of the conventions of graphic language and naturalistic representation. This double process results from her personal experiences of observation and gathering; her outings and journeys, a discerning process of selection and collection of images and materials, of proximity and attention to the objects (in the sense of themes) that arouse her interest. Integrated in a *para-scientific strategy* that replaces the traditional mimetic language of figurative painting, Catarina Leitão uses the conventions of technical graphic representations (maps, charts and geologic surveys) to create fragmentary fictitious orographic images. In her *para-technological strategy*, the artist employs industrial materials (metals and composite

e técnicas industriais (de corte, de coloração, de encaixe...) para compor colecções de falsos ramos de formas intermutáveis, elementos escultóricos portáteis, arrumados em bolsas que simulam protótipos para soluções de transporte e de viagem.

Ambas as estratégias funcionam como aparatos críticos de observação de *modalidades de posse e consumo da paisagem*. Catarina Leitão acentua a artificialização de todo o processo de reprodução: as montanhas são desenhos técnicos ou recortes cenográficos soltos e miniaturizados; os ramos são falsos ramos; os estudos de cor separam-se dos objectos coloridos; tintas espessas recobrem e camuflam, artificializando, alguns dos raros elementos naturais apresentados). A artista refere assim a actual condição da paisagem enquanto género artístico esgotado por uma democratização sem freio (vinda lentamente da fotografia oitocentista para chegar à vertigem do Instagram). E assim reflecte, também, sobre o esgotamento da própria natureza (de onde a paisagem foi historicamente destacada como tema por meio de operações intelectuais e estéticas) enquanto alvo de todo um outro tipo de consumos excessivos (também eles democratizados): o turismo ou o desporto; a ocupação agrária e posse fundiária; a transformação industrial e a destruição ambiental.

Apresentado um universal (a montanha) mas também uma soma de particulares (os ramos) Catarina Leitão coloca-se de muitos lados ao mesmo tempo. Como se, para ver as suas paisagens, nos desse um óculo que também funcionasse como caleidoscópio. Estas dimensões críticas da obra de Catarina Leitão vivem de uma tensão e apresentam-nos os dois extremos dessa tensão: os objectos do seu interesse ou são inacessíveis ou são imediatamente manuseáveis. A montanha só ao longe a podemos abranger e só reduzindo-a a uma convenção gráfica sem espessura a podemos representar e entender racionalmente (na sua totalidade). Se partirmos da planície ou do vale que

woods) and techniques (cutting, coloring, fittings) to compose sets of fake branches of varying interchangeable forms, portable sculptural elements that can be packed into textile bags that simulate prototypes for transportation and travel solutions.

These strategies function as critical devices for the observation of *modes of control and consumption of landscape*. Catarina Leitão emphasizes the artificialization of the entire process of reproduction: mountains are technical drawings or loose, miniaturized scenographic cut-outs; branches are pseudo-branches; color studies come out from colored objects; thick paint coats, conceals and artificializes the essence of the few natural elements in display. The artist reflects the contemporary condition of landscape as an artistic genre that has been exhausted by the boundless democratization of image — a process that starts with nineteenth century photography and evolves to the contemporary vertigo of Instagram — while pondering on the exhaustion of nature itself — from which landscape has been historically detached as a theme through a series of aesthetical and intellectual operations — under the weight of another set of excessive consumptions (which were also democratized): tourism and sports; land use and ownership; industrial transformation and environmental destruction.

Presenting a universal (the mountain) but also a sum of particulars (the branches) Catarina Leitão chooses a position that commits her to many sides. It is almost as if, between the observer and her landscapes, she proposes the use of a looking glass that also functions as a kaleidoscope. These critical dimensions of Catarina Leitão's work are maintained by a tension and present both sides of that tension: the objects she's interested in can be either inaccessible or readily available. One can only grasp the mountain in the distance, it can only be represented and rationally understood (in its entirety) after it has been reduced

a precede e dela nos aproximarmos deixamos de a ver (na sua totalidade). Mas perceberemos, em contrapartida, algumas das realidades que a integram, que a constituem e que afinal constroem, como infinitas pequenas peças sucessivamente subdivisíveis de um imenso puzzle, a imagem longínqua que dela temos. Perdemos a ideia de conjunto quando ganhamos a prática da proximidade. Mas caminhando na sua direcção, chegando a ela, percorrendo-a, os nossos sentidos podem ser colocados ao serviço de uma outra percepção do real. Aproximamo-nos de objectos que podemos tocar e recolher, os tais ramos que ela escolhe e copia (mas que poderiam ser flores ou ervas ou mesmo animais...) - e ganhamos ainda uma totalidade que é a do nosso corpo em acção na paisagem.

Através da sua abordagem artística, Catarina Leitão integra e assume nas obras o que é natural e o que é artificial (o *naturfacturado*). Estaremos assim mais aptos para pensar os novos conceitos de estética ambiental que a filosofia vem desenvolvendo nestes tempos de crise global (J. Baird Callicott, Emily Brady ou Cheryl Foster, por exemplo) para tentar interpretar as novas condições de vida *da terra* e da humanidade *na terra*; mais aptos para observar e apreciar criticamente uma paisagem. Devemos fazê-lo tendo em conta a experiência total (física, psicológica e intelectual) que essa observação supõe, os desafios (políticos) que a sua conservação nos coloca mas também a crise que a modernidade introduziu na suposta imutabilidade dos valores do belo (ao valorizar esteticamente as formas e materiais artificiais, as paisagens industriais, os valores urbanos, a efemeridade).

As obras de Catarina Leitão acentuam o facto de que toda a paisagem é humanizada — independentemente do grau de intervenção técnica sobre ela exercida, é uma consciência que lhe é exterior que a define e lhe dá o estatuto de paisagem. Por isso, numa realidade em que toda a paisagem é artificial/izada e só o bom

to a two-dimensional graphic convention. Standing in the valley that precedes it, any advance means that we'll lose the sight of it (of its entirety). However, as we approach it, we start noticing some of realities it is comprised of, infinite and successively subdivisible small pieces of an immense puzzle that ultimately compose the completeness of its image. We often lose grasp of the whole whenever we become used to proximity. But if we walk and reach towards the mountain, if we get there and walk on it, our senses can perceive the real in different ways. We approach objects we can touch and gather — like the branches Catarina picks up and copies (but they could be flowers, grasses or even animals...) — and reap a totality that emanates from our body in action in a landscape.

In her artistic practice, Catarina Leitão integrates and assumes both the natural and the artificial (the *naturfactual*) into her works. We are thus better able to think about the new concepts of environmental aesthetics that philosophy has been developing in these times of global crisis (J. Baird Callicott, Emily Brady or Cheryl Foster, for example) to interpret the new conditions of life on earth; better able to critically observe and appreciate a landscape. We must do so taking into account the total experience (physical, psychological and intellectual) that this observation implies, the (political) challenges that its conservation poses to us but also the crisis that modernity has introduced in the supposed immutability of the notion of 'beautiful' (when it grants aesthetic value to artificial forms and materials, industrial landscapes, urbanity, ephemerality).

Catarina Leitão's works highlight the fact that every landscape is humanized — regardless of the degree of technological intervention it has been subjected to, it is always defined by an external [human] awareness, which grants it the status of landscape. Therefore, in a reality in which every landscape is artificial/ized, only a good balance between natural and human

equilíbrio entre os factores naturais e os humanos (técnicos) permitirá ultrapassar na apreciação estética a dicotomia entre o belo abstracto e sem condições kantiano, insuportável (ou insustentável) face à desregulação actual do mundo e todas as posições moralizantes e censórias que ameaçam a liberdade de criação e pensamento.

Catarina Leitão oferece ao espectador um sistema de transfer entre a representação (na estrita codificação gráfica das montanhas e na artificialização escultórica dos ramos) e o real referencial propriamente dito. Mas se apreciar uma paisagem é uma experiência total, que nem a pintura que vemos numa galeria nem estas obras, de Catarina Leitão, que nascem fora da classificação clássica do paisagismo, nos proporcionam; é também uma experiência que não pode ser sujeita a considerações morais. A artista deixa-nos assim no cruzamento dos vários caminhos: ao mostrar-nos e ao retirar-nos alternadamente esse real, ao seduzir-nos pelo tema e pelas formas e ao frustrar-nos pela artificialização dos objectos criados a artista permite que o espectador faça os caminhos inversos (as operações) aos que deram origem às suas obras. A artista incita-nos a sair da galeria, a deixarmos de ser meros visitantes a desejarmos ser, como ela, caminhantes activos numa paisagem total da qual vamos tentar entender (a efemeridade e a perenidade d) dos sentidos.

(technological) factors will make it possible to overcome (in the context of our aesthetic fruition) the dichotomy between the Kantian abstract categorical beautiful — impossible (or unsustainable in the face of the world's current deregulation — and all the moralizing and censoring positions that threaten the freedom of creation and thought.

To the observer, Catarina Leitão offers a system of *transference* between representation (in the strict graphic coding of the mountains and in the sculptural artificialization of the branches) and the real itself. Enjoying a landscape is a total experience that cannot be replaced neither by these works nor by any other painting or artwork. Notwithstanding, it is an experience that, much like these pieces by Catarina Leitão — which were born outside the classical classification of landscape — cannot be subject to moral considerations. The artist leaves us at the intersection of various paths: alternately shrouding and unshrouding this reality; seducing us with theme and form, frustrating us with the artificialization of the objects she creates, the artist allows the spectator to walk back the operations that originated her works. Enriched by Leitão's work, we are encouraged to walk out the gallery and become, like her, active wayfarers in a total landscape — taking in the ephemerality and timelessness of its significance.

João Pinharanda
Paris, 24 Outubro / October 2020

i Alexandre Lacroix, "Beau comme un champignon atomique..." in Philosophie du réchauffement climatique, Philosophie magazine, hors-série, n° 46.
ii. J. Baird Callicott, Éthique de la terre: philosophie de l'écologie, trad. francesa, 2010

EXPOSIÇÃO
COORDENAÇÃO FERNANDO FREIRE / MARINA HONÓRIO
COMISSARIADO JOÃO PINHARANDA
OBRAS CATARINA LEITÃO
PRODUÇÃO CARLOS VICENTE
COMUNICAÇÃO PÉRSIO BASSO
IDENTIDADE VISUAL NAPPERON

CATÁLOGO
EDIÇÃO CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DA BARQUINHA
DATA NOVEMBRO 2020
COORDENAÇÃO PÉRSIO BASSO
DESIGN NAPPERON
TEXTOS JOÃO PINHARANDA
TRADUÇÃO JOSÉ ROSEIRA
ISBN 978-989-99036-9-2
DEPÓSITO LEGAL 00000
IMPRESSÃO E ACABAMENTO TIPOGRAFIA



fundação edp